

A propósito de Lacan, leitor de Melanie Klein

de Marie-Claude Thomas¹

(Seguido de Desmame, texto de Melanie Klein inédito em francês, Érès, 2012)

Virgínio Martins Gouveia²

Resumo

Apresentamos ao público brasileiro a tradução do prefácio escrito por Laurent Cornaz para o livro de Marie-Claude Thomas (Érès, 2012). O psicanalista francês destaca a originalidade da abordagem de Thomas ao examinar os “empréstimos críticos” que Jacques Lacan fez da teoria kleiniana. A obra analisada por Cornaz estrutura-se em cinco capítulos que traçam os elementos essenciais dos vínculos teóricos entre Lacan e Klein, sem deixar de assinalar as dissonâncias presentes. A densidade teórica dos primeiros capítulos – onde se abordam a teoria da angústia, do ego e do narcisismo – revela um diálogo constante em que cada observação freudiana encontra suas ressonâncias tanto em Klein quanto em Lacan. A interpretação desenvolvida pela autora demonstra cuidadosamente como a clínica lacaniana se distingue radicalmente da clínica kleiniana. Enquanto em Klein o eixo predominante reside na fantasia como acesso ao inconsciente, Lacan concebe o inconsciente como estruturado pela linguagem. Talvez um dos aspectos mais relevantes do livro seja precisamente sua capacidade de manter um diálogo fértil entre Freud, Klein e Lacan, o que consequentemente atualiza o estatuto da psicanálise enquanto teoria. Trata-se de ler Lacan lendo Melanie Klein: analisar passo a passo os seminários, os escritos de Lacan e os textos de Klein, estabelecendo um vínculo direto que permite identificar os pontos de recusa, apoio e articulação que Lacan

1 Marie Claude THOMAS, psicanalista em Paris, membro da Escola Lacaniana de Psicanálise (École Lacanienne de Psychanalyse). Após estudos em psicologia, sociologia e história das ciências, ela realizou uma análise com Jacques Lacan (fevereiro de 1971 a junho de 1981). Trabalhando em tempo parcial no Hôpital de Jour pour enfants (1977-2010), publicou artigos e livros sobre a prática analítica com crianças, além de estudos histórico-críticos sobre o autismo. Em sua bibliografia podemos encontrar: Lacan, lecteur de Melanie Klein, Toulouse, éditions érès, 2012; L'autisme et les langues, Paris, L'Harmattan, Etudes psychanalytiques, 2011; Genèses de l'autisme, Freud, Bleuler, Kanner, Paris, Epel, 2014; Genèses de l'autisme II, Georg Frankl, Hans Asperger, Paris, Epel, 2024 e Genèses de l'autisme III, Etudes (NDT).

2 Psicanalista. Professor titular na HSE University (São Petersburgo, Rússia). Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com estágio doutoral no Instituto de Filosofia da Academia Russa de Ciências (RAN), em Moscou. Detém formação em Psicanálise pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica (IBPC) e, atualmente, amplia sua formação acadêmica no curso de Psicologia do Instituto de Psicologia de Moscou (MIP). É pesquisador associado aos debates promovidos pela Associação Russa de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica. Suas investigações concentram-se nas zonas de fronteira entre Filosofia, Psicanálise, Literatura e Tradução. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7142-5992> E-mail: virginiomgouveia@gmail.com

elaborou – não de forma sistemática, mas consistente – acerca do que convencionamos chamar de teoria kleiniana. Dessa hegemonia que o pensamento kleiniano impôs ao campo psicanalítico entre as décadas de 1930 e 1960, Lacan desvinculou-se precocemente, forjando sua própria identidade já em 1953, com a conferência “O Simbólico, o Imaginário e o Real” como elementos estruturantes da prática analítica.

Palavras-chave: Jacques Lacan, Melanie Klein, Teoria freudiana, Inconsciente, Édipo, Linguagem.

Esse livro nasceu da prática clínica. De uma revolta. Da recusa em ratificar a forma como a angústia se manifesta nos sujeitos, que, de modo geral, é bem acolhida pelos profissionais da área da infância. Nasceu da resistência de uma praticante, a qual, por ser psicanalista, tem a convicção de que é possível que outro acolha essa angústia, escute-a e a coloque em movimento. Um livro, portanto, destinado a interpelar os profissionais que exercem a prática clínica, sobretudo os analistas.

No entanto, a autora nunca se entrega a polêmicas ela nos oferece um trabalho engajado, sustentado por sua recusa – um trabalho de longo prazo. Acompanhado por uma pergunta sempre viva, preocupada e exigente: como acolher, a partir do lugar de analista, essas crianças que foram diagnosticadas, no final do século passado, como “psicóticas”? Em primeiro lugar, isso é possível? Essa é sua pergunta. Marie-Claude Thomas dirigiu essa questão a Melanie Klein, que lhe sugeriu uma abordagem para o problema: aos olhos da praticante iniciante que ela era até então, o que havia de melhor na representação da psicanálise inglesa – com prática e teoria inseparáveis –, o que, na relação com as crianças que atendia, ela mesma se empenhava em viver essas qualidades na clínica. Um problema, porém, surgiu. Os “lacanianos” daquela época, aqueles que fizeram de Lacan seu mestre, denegriram a teoria kleiniana: na melhor das hipóteses, Klein teria conceituado de forma desajeitada certos pontos já elucidados por Lacan; no pior dos casos, simplesmente teria se equivocado. Marie-Claude Thomas tinha razão em fazer de Melanie Klein sua interlocutora? Determinou-se a esclarecer essa questão, mas optou por não se envolver diretamente na polêmica, preservando o debate substantivo que essa controvérsia refletia. Pacientemente, ela se confrontou com a leitura feita por Lacan, que fora seu analista, tanto a partir da prática quanto da teoria de Melanie Klein.

*

Desde a abertura de seu livro, ela coloca as cartas na mesa e revela a razão de sua escolha – de sua recusa em adotar a maneira habitual de “assumir o tratamento”³ com crianças psicóticas. Para Melanie Klein, escreve ela, “não há dois pesos e duas medidas: a posição do analista é a mesma com adultos e crianças”. Como canta Georges Brassens, quando se trata de se libertar de um prazer que nos torna tolos, “o tempo não tem nada a ver com isso” (*le temps ne fait rien à l'affaire*). Marie-Claude Thomas destaca a ambiguidade da etimologia da palavra “criança”: *in-fans*, essa palavra é traduzida, na maioria das vezes, como “aquele que não fala”. Deduz-se um pouco rapidamente que o *infans* em questão permaneceria, por mais ou menos tempo, protegido da linguagem – intocado pelo significante –, no que se chama de “pré-verbal”. E Melanie Klein seria aquela que, avançando corajosamente com seus pequenos pacientes, teria começado a explorar e mapear essa terra de ninguém do pré-verbal.

É com Lacan que Marie-Claude Thomas desconstrói o impasse dessa leitura que faz crer que o tempo – o desenvolvimento biológico –, naturalmente, tiraria a criança de um suposto caos pré-verbal. Uma leitura behaviorista, da qual é justo dizer que é própria de Melanie Klein. E, seguindo-a, a de René Spitz, de John Bowlby, de Jacques Hochmann, de Gilbert Diatkine, enfim, da corrente kleiniana. O que esses kleinianos chamam de “a clínica” – a prática a que sua leitura excessivamente fiel e fascinada induz – é uma forma de interpretar, com o mito de Édipo, as reações da criança muito pequena aos estímulos de “um universo sem linguagem”. O objeto de sua atenção é um sujeito que, devido à sua imaturidade, ainda não domina a língua falada ao seu redor. Um sujeito do conhecimento, portanto – aquele dos filósofos, dos psicólogos. Eles lerão a obra de Melanie Klein como o diário de viagem de uma aventureira que adentra no país fascinante dessa infância (*infans*) e que descreve o universo de um sujeito que apreende o mundo ao seu redor sem o uso da linguagem. Eles vão se maravilhar ao constatar, nesse estágio pré-verbal de seu desenvolvimento, uma ferocidade edipiana sem medida. Esse é o eco que, de fato, a criança, cujo comportamento eles interpretam.

Bem diferente é a leitura que Lacan (1966, p. 448) faz. A experiência compartilhada por essa “mulher de gênio” – como ele a chamou no mesmo dia em que a qualificou de “açougueira” (*tripière*)⁴ – é, para ele, preciosa porque lida com um outro *infans*. O sujeito com o qual ela lida, sustenta Lacan, não é esse ser vivo sem linguagem sobre quem os kleinianos projetam os afetos que supostamente deveriam surgir – imaginam eles – da incapacidade de nomear o que se sente; é aquele que, onde Isso estava, o Eu deve advir, como diz Freud. É o sujeito que sonha, do sintoma, do lapso. Entramos aqui no cerne da questão – e é o caso de dizer –, do tema deste livro sem igual, que desperta e sacode as ideias mais bem-aceitas ainda hoje, inclusive por muitos autores que se reivindicam da psicanálise. O sujeito com o qual um

3 Em francês, o termo “prendre en charge” trata-se de uma expressão idiomática. *Prendre* = Tomar, agarrar; *en charge* = a cargo, sob responsabilidade. Em português, considerado o contexto no qual o texto se insere, optamos por “assumir o tratamento” (NDT).

4 A tradução de *tripière* por “açougueira” segue a tradição estabelecida pela recepção lacaniana no Brasil, buscando preservar o sentido pejorativo e teórico da crítica. Ao traduzir como “açougueira”, busca-se preservar o caráter agressivo e depreciativo da intervenção lacaniana, que acusa Klein de operar com uma noção concreta e fragmentária dos objetos internos, reduzindo a fantasia a “pedaços de carne” psíquicos, em detrimento da função simbólica e da mediação linguística (NDT).

psicanalista lida é, para Lacan, um efeito da linguagem – “o que um significante representa para outro significante”. Nada, portanto, do que se imagina que ele seja – seja num adulto ou numa criança pequena.

Como compreender essa desconcertante “definição” do sujeito com que o psicanalista lida? No dia 5 de fevereiro de 1956, em seu seminário *As estruturas freudianas nas psicoses* (*Les structures freudiennes dans les psychoses*), Lacan parte deste exemplo: “É porque ele [o ser humano] institui o dia enquanto tal, que o dia advém à presença diurna, sobre um fundo que não é um fundo de noite concreta, mas de possível ausência de dia, onde a noite, inversamente, se aloja . . . A noite e o dia estão aí, muito precocemente, como significantes, e não como alternância da experiência.” No campo do inconsciente, regido pela linguagem, a mãe – aquela de quem Melanie Klein tanto fala – não é primeiramente, essa mulher concreta que cuida – mais ou menos bem – do bebê que ela trouxe ao mundo; ela é, antes de tudo, para o sujeito que está por vir, que é seu filho, “a ausência possível” do ser. E é no nível do impossível de ser, onde o recém-nascido se encontra, que essa mulher vem a brilhar na alternância de sua ausência e de sua presença. Ela está situada, no plano do inconsciente, como o lugar do desejo do Outro. “Estou lhes dizendo – é Lacan quem fala em seu seminário, no dia 27 de fevereiro de 1957 – que a mãe é primordialmente todo-poderosa. . . . Que isso seja possível, é o que a senhora Melanie Klein nos mostrou de forma genial, mas ela sempre esteve muito confusa para explicar como isso era possível. . . . O fato só é possível por meio de uma projeção retroativa no seio do corpo materno de toda a lira dos objetos imaginários. Eles estão lá de fato, pois a mãe constitui um campo virtual de nadificação (“néantisation”) simbólica do qual todos os objetos futuros tirarão, cada um por sua vez, seu valor simbólico”.

Marie-Claude Thomas se dedica, nesta obra, a um extraordinário trabalho minucioso: ela desdobra a leitura lacaniana da obra de Melanie Klein até o menor detalhe, em três períodos. Estamos aqui no primeiro período, que abrange os quatro primeiros seminários de Lacan e que termina no dia 3 de julho de 1957 – é a última sessão de *A relação de objeto e as estruturas freudianas* (*La relation d’objet et les structures freudiennes*) – com esta declaração: “Que a criança esteja ligada a uma mãe que, por outro lado, é alguém que está ligada, no plano imaginário, a esse falo enquanto falta, eis a relação que Freud introduz como essencial”. Essa relação inconsciente criança/mãe estará no centro dos dois próximos seminários, *As formações do inconsciente* (*Les formations de l’inconscient*) e *O desejo e sua interpretação* (*Le désir et son interprétation*), aqueles onde “assistimos a um aumento das referências a Melanie Klein” e que constituem o segundo período. É durante esse segundo período que Lacan consegue elaborar claramente sua leitura crítica: “o falo como significante, escreve Marie-Claude Thomas, vai fazer ranger a máquina kleiniana”. Nada poderia substituir a leitura dessas páginas, nas quais o leitor acompanha passo a passo a elaboração de um Lacan sempre respeitoso com o texto kleiniano. Onde ele, o leitor, assiste ao desembaraçar do nó do Simbólico, do Imaginário e do Real, que permanecem enredados na abordagem kleiniana.

Não tentaremos resumir aqui o percurso. Oferecemos apenas esta citação de 17 de junho de 1959, na qual se lê o trabalho realizado, a capacidade com que Lacan se encontra agora de traduzir as intuições kleinianas no ternário S.I.R. (Simbólico, Imaginário, Real): “É

na medida em que a imagem do outro dá ao sujeito essa forma de unidade do outro⁵ como tal que pode se estabelecer, em algum lugar, essa divisão entre dentro e fora, em relação à qual vão se reclassificar os bons e os maus objetos: os bons na medida em que devem vir para dentro, os maus na medida em que devem permanecer fora”. Pois bem, continua Lacan, “o que acontece aqui [em Melanie Klein] a se definir de maneira mais clara, porque imposto pela experiência, é a mesma coisa que poderíamos dizer em nosso próprio discurso. Ou seja, o discurso que organiza realmente o mundo dos objetos, eu diria segundo o ser do sujeito, desde o início, ultrapassa aquele no qual o sujeito mesmo se reconhece na prova narcísica, a prova chamada de estágio do espelho (*stade du miroir*), ou seja, onde ele se reconhece como domínio e como ‘eu’ único”.

Esse “transbordamento” ocorre no lugar do que Melanie Klein chama de “objeto mau” (*mauvais objet*). Objeto paradoxal, pois ao mesmo tempo “mau” e “interno”. Lacan: “É no nível do objeto mau que o sujeito experimenta, se posso me expressar assim, a servidão de seu domínio. É que o verdadeiro mestre – todos sabem que ele está além de qualquer rosto, que ele está em algum lugar na linguagem, embora não possa estar em lugar nenhum –, o verdadeiro mestre delega a ele o uso limitado do objeto mau como tal, ou seja, de um objeto que não está situado em relação à demanda, de um objeto que não se pode demandar”. Em outras palavras – e Lacan esclarece isso no dia 1º de julho de 1959 –, um objeto que “não é absolutamente distinto disso: ele é o significante do desejo de desejo”. Ou seja, o falo, agora claramente distinguido, graças à leitura de Melanie Klein (e de Shakespeare), do objeto do desejo.

Alguns meses depois, no colóquio internacional de psicanálise de Amsterdã sobre a sexualidade feminina, Lacan resumiu numa frase o distanciamento que conseguiu criar em relação ao que ele critica como “a perfeita brutalidade” (*la parfaite brutalité*) com que Melanie Klein apresenta seus conceitos: “entendamos”, diz ele, “a despreocupação com que Melanie Klein inclui os fantasmas edípicos mais originais no corpo materno – sem considerar sua proveniência da realidade que o Nome-do-Pai (*Nom-du-Père*) supõe”. Despreocupação com uma realidade suposta por um Nome. Marie-Claude Thomas nos oferece então os “ecos refratados” (*échos réfractés*) da obra de Melanie Klein na elaboração lacaniana que, polarizada por esse real, continua: é o terceiro período. Surge para ela algo que constitui o objeto do último capítulo do livro: que “a interpretação kleiniana é do registro do mito”. O estatuto da psicanálise em relação à ciência não é problematizado por Melanie Klein, que procede, escreve ela, “como se entre os mitos e a psicanálise não houvesse a ciência moderna”. É essa “despreocupação” com a ciência – com o real que ela evacua – em favor do mito que, para Marie-Claude Thomas, “retorna” e deixa a porta aberta para uma leitura behaviorista – na prática, comportamentalista – de sua obra. Por essa porta aberta, a onda do autismo teria se espalhado. É, pelo menos, a hipótese que, na continuidade de seu trabalho sobre a leitura de

5 “Adotamos aqui a escrita ‘otre’, proposta por Jean Allouch, para preservar a ambivalência entre ‘outro’ e ‘Outro’ (a mãe concreta e a mãe inconsciente) que Lacan aqui não resolve – o que ele às vezes faz (quando julga necessário) na oralidade do seminário. As duas leituras são, de fato, compatíveis (o que não é o caso para o primeiro ‘outro’ desta frase)”.

Melanie Klein por Lacan, Marie-Claude Thomas propõe: é a ciência como discurso do mestre – o que o kleinismo, e talvez até a psicanálise em suas outras variantes, terá negligenciado – que, para ela, retorna no sucesso fulminante encontrado por esse termo (Thomas, 2011). A relação do psicanalista com a ciência, porque não pode ser regulada por uma abordagem filosófica, permanece um “problema crucial” (*problème crucial*): qualquer preguiça nesse ponto compromete a análise da transferência, enfraquece a análise e a torna – na melhor das hipóteses – inoperante.

Voltemos à questão inicial: a análise é possível com uma criança? Que Marie-Claude Thomas publique hoje o fruto de um trabalho que vem realizando desde o início de sua prática, isso serve como prova de que ela nunca abandonou sua opção inicial. Mas o fato de ser possível sustentar com uma criança uma posição de analista não implica que as coisas – a análise da transferência, precisamente – aconteçam da mesma forma que com um adulto. *Infans*, a criança o é não porque estaria evoluindo num mundo pré-verbal – que só existe na imaginação daqueles que falam –, mas porque ainda não terá feito sua *lalangue*, aquela na qual todas as coisas ao seu redor são ditas. Para contornar a incapacidade das crianças que atendia de verbalizar, Melanie Klein recorria ao que ela chamava de “técnica do brincar” (*play technique*). Esse qualificativo de “técnica” (*technique*) aparece, para Marie-Claude Thomas, carregado de uma contradição não resolvida entre os kleinianos: “afirmar, ao mesmo tempo, que existe um psiquismo específico da criança e que a condução da cura com crianças é a mesma que com pacientes adultos”. No entanto, o trabalho que ela nos apresenta aqui leva a uma afirmação contrária: não há um psiquismo específico da criança, e a condução da cura com crianças é diferente daquela com pacientes adultos. Portanto, o brincar, como praticado por Melanie Klein, é o próprio espaço analítico, o espaço de uma fala *infans*. É isso que faz com que uma cura com uma criança difira de uma cura com um adulto, pelo menos com um adulto que fala facilmente, já que não há razão para especificar o psiquismo infantil.

Adulto ou criança, é à castração que o sujeito em análise se expõe. Ele precisa “morder o significante” (*mordre le signifiant*), o significante “que o morde” (*qui le mord*), escreve Marie-Claude Thomas. “No entanto, há casos”, ela continua, “em que ele não morde, e isso resulta nessas crianças chamadas psicóticas – ou, agora, chamadas por esse termo amplo de ‘autistas’ –, crianças que, na verdade, estão ‘não feitas’, nem mordidas nem mordedoras, em relação à linguagem (as mordidas com os dentes são tentativas disso)”. Pois bem, o brincar pode ser “a oficina da metáfora” (*l’officine de la métaphore*), argumenta Marie-Claude Thomas, ele pode funcionar como uma mordida linguística: “Esse tipo de paralisação [quando ‘isso não morde’], o brincar o engrena e o articula: o brincar do significante, o rébus, o sonho e, no trabalho com crianças, o brincar”. O que Marie-Claude Thomas chama simplesmente aqui de “o brincar” é uma passagem efetiva, bem-sucedida, da metonímia para a metáfora. Passagem que todo “parlêtre”, todo ser vivente na linguagem, precisa atravessar. Exemplo dado por Lacan: “Um menino de dois anos e meio agarrou sua mãe, que lhe desejava boa noite, perto da cama, para sussurrar: ‘Minha garota grandona cheia de bunda e músculos’”. E ele comenta: nessa idade, as crianças “ainda não estão na metáfora, mas na metonímia”.

É aí, no lugar dessa passagem, que Marie-Claude Thomas avança para o que ela chama de uma “tese”, formulada assim: “entre as palavras de palavra por palavra, o jogo é o que se

faz às vezes de metáfora”. A criança não é poeta, ainda não, mas já pode ser jogadora. O que pode funcionar como metáfora, escreve ela, é que haja “transporte de gozo-sentido para um sentido cifrado”. Um sentido cifrado que precisa ser recebido: entre as palavras – “grandona”, “bunda”, “músculos”, coletadas sabe-se lá onde –, o incógnito, eros pode se infiltrar.

Essa cifragem de um gozo – que escapa ao sujeito –, Melanie Klein a restituiu a ele nas palavras do mito, o de Édipo, o da mãe. Ao fazer isso, ela deixa escapar o fato de que uma metáfora é uma “associação orgânica” (*association organique*), que o corpo ressoa nela, é mordido por ela. Marie-Claude Thomas evoca um efeito físico, orgânico, da metáfora bem-sucedida, um pouco como o riso que toma conta de alguém surpreendido por uma piada, marcando seu sucesso: “há uma ressonância, uma vibração do corpo nesse sentido, há uma absorção pelo corpo e no corpo”, escreveu ela, “no momento dessa operação metafórica”. Isso é a mordida de uma metáfora – e da metáfora paterna em primeiro lugar: “morder o significante”, explica ela, “é o que Freud inventou com o assassinato do pai e o banquete totêmico”. Brincar com a criança não é deslizar com ela para dentro do mito; é, sim, parar com ela no entre-dois dos significantes que ela produz por meio de seus gestos, suas emissões vocais, seus deslocamentos de objetos, suas marcas no papel. É deixar vibrar, ressoar em seu corpo a mordida do significante, para que a metáfora aconteça, e que, no lugar da suspensão, do vazio de gozo que ela cria, nasça o sujeito.

Marie-Claude Thomas interrompe seu discurso aqui, no momento em que, nos “fragmentos de uma análise de criança” que ela nos apresenta, o jovem Frédéric passa “da imagem de um ‘corpo fragmentado’ para a imagem do corpo desejante”. Uma interrupção que é a marca de uma análise com uma criança, ela observa. O jogo metafórico bem-sucedido é acompanhado, ela nota, por uma cessação dos sintomas... e das sessões. E, acrescentaremos nós, por uma amnésia da qual a primeira criança envolvida num jogo analítico deu testemunho: Herbert Graf, que, já jovem, voltou para visitar Freud. Essa interrupção das análises de crianças não é o fechamento de uma análise: o analista não é deixado no lugar de resíduo, de objeto *a*.

Livro nascido da clínica, dizíamos no início. Livro para psicanalistas, podemos concluir, para o praticante cuja questão é o surgimento do sujeito, lá onde o corpo, imerso na linguagem, permanece não mordido, à mercê de uma metonímia infinita. Qual é, afinal, a aposta da análise? Que preço se paga, e com que amor, para consentir com a metáfora?

Laurent Cornaz⁶

REFERÊNCIAS

Lacan, J. (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.

Thomas, M.-C. (2011) *L'autisme et les langues*. Paris, L'Harmattan.

6 Laurent Cornaz (1945-2015) foi um psicanalista em Paris, membro da Escola Lacaniana de Psicanálise (École Lacanienne de Psychanalyse). Autor de vários livros sobre educação e psicanálise. De acordo com o catálogo de autoridades da Bibliothèque nationale de France (BnF), ele nasceu em Lausanne, na Suíça, em 21 de junho de 1945, e faleceu em Paris em 31 de agosto de 2015. A BnF o qualifica oficialmente como “filósofo e psicanalista” (NDT).

On Lacan, Reader of Melanie Klein
by Marie-Claude Thomas

Abstract

We present to the Brazilian public the translation of the preface written by Laurent Cornaz for Marie-Claude Thomas's book (Érès, 2012). The French psychoanalyst highlights the originality of Thomas's approach in examining the "critical borrowings" Jacques Lacan made from Kleinian theory. The work analyzed by Cornaz is structured into five chapters that outline the essential elements of the theoretical connections between Lacan and Klein, while also noting their dissonances. The theoretical density of the early chapters—addressing the theory of anxiety, the ego, and narcissism—reveals a constant dialogue in which each Freudian observation finds resonances in both Klein and Lacan. The author's interpretation carefully demonstrates how Lacanian clinical practice radically differs from Kleinian practice. While Klein's predominant focus lies in fantasy as a pathway to the unconscious, Lacan conceives the unconscious as structured by language. Perhaps one of the book's most significant contributions is its ability to sustain a fertile dialogue among Freud, Klein, and Lacan, thereby updating the status of psychoanalysis as a theory. It is a matter of reading Lacan reading Melanie Klein: analyzing step by step Lacan's seminars, writings, and Klein's texts, establishing a direct link that identifies Lacan's points of refusal, support, and articulation—developed not systematically but consistently—regarding what we conventionally call Kleinian theory. From the hegemony Kleinian thought imposed on the psychoanalytic field between the 1930s and 1960s, Lacan distanced himself early on, forging his own identity as early as 1953 with the conference "*The Symbolic, the Imaginary, and the Real*" as structuring elements of analytic practice.

Keywords: Jacques Lacan, Melanie Klein, Freudian theory, Unconscious, Oedipus, Language.

Sobre Lacan, lector de Melanie Klein
de Marie-Claude Thomas

Resumen

Presentamos al público brasileño la traducción del prefacio escrito por Laurent Cornaz para el libro de Marie-Claude Thomas (Érès, 2012). El psicoanalista francés destaca la originalidad del enfoque de Thomas al examinar los "préstamos críticos" que Jacques Lacan tomó de la teoría kleiniana. La obra analizada por Cornaz se estructura en cinco capítulos que trazan los elementos esenciales de los vínculos teóricos entre Lacan y Klein, sin dejar de señalar sus disonancias. La densidad teórica de los primeros capítulos – donde se abordan la teoría de

la angustia, el yo y el narcisismo – revela un diálogo constante en el que cada observación freudiana encuentra resonancias tanto en Klein como en Lacan. La interpretación desarrollada por la autora demuestra cuidadosamente cómo la clínica lacaniana se distingue radicalmente de la práctica kleiniana: mientras en Klein el eje predominante reside en la fantasía como vía de acceso al inconsciente, Lacan concibe el inconsciente como estructurado por el lenguaje. Quizás uno de los aportes más relevantes del libro sea su capacidad de sostener un diálogo fértil entre Freud, Klein y Lacan, actualizando así el estatuto del psicoanálisis como teoría. Se trata de leer a Lacan leyendo a Melanie Klein: analizar paso a paso los seminarios y escritos de Lacan junto a los textos de Klein, estableciendo un vínculo directo que identifica los puntos de rechazo, apoyo y articulación que Lacan elaboró – no de manera sistemática, pero sí consistente – sobre lo que convencionalmente llamamos teoría kleiniana. De la hegemonía que el pensamiento kleiniano impuso en el campo psicoanalítico entre las décadas de 1930 y 1960, Lacan se distanció tempranamente, forjando su propia identidad teórica ya en 1953 con la conferencia “Lo Simbólico, lo Imaginario y lo Real” como elementos estructurantes de la práctica analítica.

Palabras-clave: Jacques Lacan, Melanie Klein, Teoría freudiana, Inconsciente, Edipo, lenguaje.

À propos de Lacan, lecteur de Melanie Klein de Marie-Claude Thomas

Résumé

Nous présentons au public brésilien la traduction de la préface rédigée par Laurent Cornaz pour l'ouvrage de Marie-Claude Thomas (Érès, 2012). Le psychanalyste français souligne l'originalité de la démarche de Thomas lorsqu'elle examine les «emprunts critiques» que Jacques Lacan a effectués à l'égard de la théorie kleinienne. L'ouvrage analysé par Cornaz se structure en cinq chapitres, qui retracent les éléments essentiels des rapports théoriques avec Lacan et Klein, tout en signalant leurs dissonances. La densité théorique des premiers chapitres – dans lesquels sont abordées la théorie de l'angoisse, celle du moi et celle du narcissisme – révèle un dialogue constant où chaque observation freudienne trouve des résonances tant chez Klein que chez Lacan. L'interprétation développée par l'autrice démontre avec rigueur en quoi la clinique lacanienne se distingue radicalement de la pratique kleinienne: alors que, chez Klein, l'axe prédominant réside dans le fantasme comme voie d'accès à l'inconscient, Lacan conçoit l'inconscient comme structuré par le langage. L'un des apports les plus significatifs de l'ouvrage réside peut-être dans sa capacité à soutenir un dialogue fécond avec Freud, Klein et Lacan, réactualisant ainsi le statut de la psychanalyse en tant que théorie. Il s'agit de lire Lacan lisant Melanie Klein: analyser pas à pas les séminaires et les écrits de Lacan en regard des textes de Klein, en établissant un lien direct qui identifie les points de rejet, d'appui et d'articulation que Lacan a élaborés – non pas de manière systématique, mais de façon cohérente – sur ce

Thomas, M.-C. de e Gouveia, V.M.

que l'on nomme conventionnellement la théorie kleinienne. Face à l'hégémonie qu'exerça la pensée kleinienne dans le champ psychanalytique entre les années 1930 et 1960, Lacan prit ses distances très tôt, forgeant sa propre identité théorique dès 1953, avec la conférence «Le Symbolique, l'Imaginaire et le Réel» comme éléments structurants de la pratique analytique.

Mots-clés: Jacques Lacan, Melanie Klein, Théorie freudienne, Inconscient, Œdipe, Langage.

Submetido em: 7/06/2025

Revisado em: 11/04/2026

Aceito em: 17/04/2026